REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 243

21 DE SETEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Portugal acaba de juntar á sua historia uma das paginas mais brilhantes e radiosas: acaba de legar aos vindouros um nobre e grandioso exemplo, acaba de fazer perante o mundo inteiro uma affirmação triumphante e gloriosa da sua vitalidade nacional, — a recepção de Capello e Ivens.

Nunca assistimos a uma festa semelhante em Lisboa; assistimos ao tricentenario de Camões, é verdade, mas, a festa de hoje, a recepção dos dois grandes exploradores tem muito mais ampla e muito mais victoriosa significação nacional.

Em 1880 Portugal festejava os seus heroes mortos de ha muito, glorificava o seu passado brilhante: em 1885 Portugal festeja os seus heroes de hoje, vivos e triumphantes, glorifica o seu presente heroico.

Hontem Portugal mostrava que não esquece pela gratidão os seus grandes luctadores legendarios. Hoje mostra que os não esquece pela heroicidade.

As festas do centenario de Camões affirmaram ao mundo moderno que os portuguezes sabiam comprehender e admirar os seus heroes: as festas da recepção de Capello e Ivens levam mais longe essa affirmação: os portuguezes sabem admirar os seus heroes, mas sabem tambem imital-os; sabem comprehender as grandes heroicidades, mas sabem tambem pratical-as.

A festa de ha cinco annos foi a apotheose do passado: a festa de hoje é a apotheose do presente.

«A nossa missão civilisadora, como eloquentemente disse na camara municipal o illustre ministro da marinha, a quem cabe a honra da iniciativa da gloriosa missão scientifica de Capello e Ivens, a nossa missão civilisadora não está enterrada debaixo das arcarias dos Jeronymos, dentro da urna funeraria de Vasco da Gama, está alli viva, radiosa e palpitante no coração d'esses dois homens, affirmada em todas as acclamações do enthusiasmo patriotico, ondeante nas dobras da bandeira portugueza mais uma vez triumphadora.»

É por isto que as festas de hoje tem muito maior significação historica, muito maior importancia nacional.

RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS — CHEGADA DOS EXPLORADORES AO ARSENAL DA MARINHA, NO BERGANTIM REAL
(Desenho do natural por J. Christino)

O OCCIDENTE occupou-se em tempo largamente dos dois illustres exploradores que todo o paiz hoje acclama.

Por occasião da sua primeira arrojada travessia d'Africa, do Bihé ao Cuango, em 1877-1880, publicou varios retratos de Capello e Ivens, as suas biographias, e a descripção da sua viagem scientifica.

Em artigos especiaes o OCCIDENTE tratará agora da nova e importante travessia feita por esses dois gloriosos portuguezes, e registrará minuciosamente, como é dever seu, esse facto que ficará sendo um facto culminante na historia portugueza, um dos factos proeminentes da historia scientifica do seculo XIX.

Nós hoje aqui só temos que narrar as festas explendidas com que Portugal acolheu os seus heroes, deixando para mais tarde, e para penna mais sabida n'esses assumptos a narração d'essa viagem maravilhosa de 900 leguas atravez do continente negro, a apreciação critica da importancia dos descobrimentos feitos por Capello e Ivens n'essa longa e aventurosa travessia de Mossamedes até Moçambique.

Só temos que narrar as festas, e o adverbio *só* cahe muito falsamente n'este periodo, porque essas festas foram, ou antes, estão sendo tão brilhantes, tão numerosas, tão complexas, que não sabemos bem como metter a descripção d'ellas, por mais rapida e precipitada que seja, nos estreitos limites da nossa chronica.

Capello e Ivens chegaram ao Tejo, a bordo do paquete *Cabo Verde* na terça feira 15, ás 6 horas e meia da tarde. O paquete fundeou em Paço d'Arcos. A recepção estava marcada para o dia seguinte, primeiro porque se sabia que só tarde o vapor entraria no Tejo, e depois porque n'esse dia um grande luto cobria a marinha portugueza e impossibilitava-a de tomar parte nas festas feitas a dois heroes a quem ella queria honrar como elles a honram, enchendo de gloria a farda que vestem, a corporação a que pertencem, a patria que lhes é mãe.

No dia 13 de setembro á noite, — um dia que é fatal para as grandes personalidades portuguezas e que já recolheu os ultimos suspiros de Alexandre Herculano e de Antonio Rodrigues Sampaio, — fallecera na sua casa da rua da Lapa o vice-almirante visconde de Soares Franco, um bravo e valente marinheiro que occupava o mais alto logar na corporação da marinha portugueza.

O funeral do vice-almirante realisou-se na terça-feira á tarde, e quando Capello e Ivens entraram a barra de Lisboa, ainda havia nos echos do Tejo as ultimas vibrações das salvas funebres com que os navios de guerra portuguezes tinham dito o ultimo adeus ao seu vice-almirante que entrava para a serenidade eterna da cova.

N'essa noite o paquete *Cabo Verde* ficou estacionado em Paços d'Arcos, e emquanto os navios arreavam as bandeiras de luto que na manhã seguinte eram substituidas pelas bandeiras de gala, numerosos barcos illuminados a archotes partiam de Pedrouços, de Oeiras, e dos logares visinhos a festejar particularmente, individualmente, os illustres exploradores.

Na manhã de quarta-feira o aspecto funebre do rio mudára completamente. Ás sete horas da manhã havia já no Tejo um grande ar de festa. Os navios embandeiravam galhardamente os seus mastros, uma immensidade de barcos de todos os tamanhos cheios de tropheus e de bandeiras, coalhava o rio. Nas ruas de Lisboa notava-se um movimento desusado: milhares de pessoas acotovellavam-se nos caes, e enchiam barcos, fragatas e vapores. No Aterro formava-se uma enorme muralha de gente desde o caes de Sodré até Alcantara. A todo o momento cortavam o rio embarcações carregadas de povo e por terra, para as bandas de Pedrouços e de Algés desenhava-se uma linha enorme e ininterrupta de carruagens.

Nós com uma fatalidade de dorminhoco, que nos acompanha sempre nos passeios matinaes, chegamos tarde para a festa.

Quando ainda um pouco estremunhados e tendo feito a Capello e Ivens o sacrificio de tres ou quatro horas do nosso melhor somno, chegamos ao Aterro soubemos com assombro que o *Lidador*, o vapor em que deviamos ter ido ao encontro dos exploradores, não só já sahira do Arsenal da Marinha, mas estava já quasi a entrar.

A flotinha vinha já Tejo abaixo na altura de Alcantara.

O aspecto encantador do rio, e o aspecto pittoresco do Aterro consolaram-nos depressa da nossa fatalidade de carabineiros d'Offenbach.

Como membro da *commissão da imprensa* o meu logar era a bordo, effectivamente, como chronista porém, o meu logar era alli, em terra.

Por que no fim de contas isto de cortejos fluviaes é exactamente como os bailes de mascaras.

Quem entra n'elles forma parte do espectaculo: quem está de fóra é que é o espectador.

E como já não tinha remedio deixei-me ser chronista, e fui indo pelo Aterro fora até perto de Alcantara.

O dia estava muito agradavel para quem andava nas festas, mas podia estar melhor para quem as via.

O sol fizera ao cortejo fluvial a fineza de não apparecer lá em cima a entornar a agua a ferver dos seus raios ardentes; mas se esta amabilidade tirou grande porção de dores de cabeça de cima dos mortaes que faziam a festa, tirou juntamente a essa festa uma boa doze d'effeito.

Aquella festa fluvial n'um dos muitos dias em que o nosso Tejo parece um lago transparente, em que se espelha o ceu d'esse azul purissimo e sereno que caracterisa no nosso bello ceu da peninsula seria d'um effeito muito mais pittoresco e formoso.

Mas n'esse dia o ceu estava todo coberto de nuvens pardacentas, que se amontoavam em negros castellos, e as aguas do rio agitadas por um vento forte não tinham aquella tranquillla limpidez azul que lhe dá o seu encanto e que tem inspirado tantos maus versos.

O rio estava todo cheio de barcos, e os barcos todos cheios de gente.

Na Outra Banda, as ameias do castello d'Almada eram desenhadas por uma grande linha negra, — uma multidão compacta que d'alli assistia ao brilhante espectaculo da recepção dos exploradores.

Do lado de cá do rio, no Aterro não era facil andar-se sem esbarrar com grandes grupos que procuravam posição para ver a festa.

Em frente da fabrica de gelo ha uma enorme porção de pedregulhos grandes, amontoados para alli ao capricho original do acaso.

Cada um d'esses pedregulhos servia de assento ou de pedestal a um espectador, e esse montão de pedras todo coberto de gente tinha um aspecto pittoresco, que a fantasia do acaso dá muitas vezes, mas que raras vezes as mais laboriosas combinações artisticas conseguem attingir.

Mais adeante um bocado, na antiga rocha do conde d'Obidos o aspecto era tambem muito original. Aquella rocha parecia o presepio da Sé em tamanho natural. Toda a espiral que sobe a rocha estava completamente cheia de gente, como aquella enorme espiral que adorna os presepios e por onde se atropellam em barro os pastores e os pescadores que vem saudar a Bethlem o filho de Maria.

N'isto olhamos para o rio: a flotilha vinha já defronte de nós, para lá do meio do rio, muito mais perto de Almada que de Lisboa.

Essa distancia enorme a que o cortejo vinha, prejudicou muito o seu effeito para quem estava na margem de cá do Tejo.

O que se via mais era o *Cabo Verde*, o paquete que vinha d'Africa, e que trazia a bordo os exploradores. Os outros vapores da flotilha, pareciam uns barquinhos ao pé do grande paquete e vistos cá de longe.

Esses vapores eram o *Lidador* onde vinha o sr. ministro da marinha, com sua ex.^{ma} familia, a direcção da Sociedade de Geographia, e as presidencias de varias associações e commissões de festejos, a *Mindello*, o *Tavira*, trazendo a bordo a commissão executiva da imprensa e representantes de quasi todos os jornaes; o *Pescador*, com a Associação Naval; a *Cidade da Praia* e *Funchal* com a Associação Commercial; *Lusitano* e o *D. Carlos*, com os socios da Sociedade de Geographia; o *Lucifer*, com os bombeiros voluntarios; o *Italia*, com os socios do Real Gymnasio Club; o *Africa*, da Sociedade de Geographia, e mais centenares de rebocadores, de faluas, escaleres, fragatas, barcos á vela, barcos que no fim de contas eram os que, de cá de longe, faziam mais bom effeito, com as suas velas muito brancas, tufadas pelo vento que soprava rijo, e que lhes permittiu acompanharem sempre os vapores desde Paço d'Arcos até Lisboa.

Ao mesmo tempo que no rio todos os barquitos se enfileiravam na cauda do cortejo e seguiam rio acima atraz do *Cabo Verde*, em terra, no Aterro, corriam a todo o galope carruagens, char-à-bancs, americanos, typoias de praça e landaus particulares, vindos das praias da Algés e de Pedrouços de assistir á chegada do cortejo, e porfiiando em chegar ao Pelourinho a tempo de ver o desembarque dos exploradores. Parecia uma retirada das corridas, em dia de corridas extraordinarias, como as do principe de Galles ou do rei de Hespanha. Nós voltámos tambem para traz e seguimos para o Arsenal.

Era muito mais facil pensar isto do que fazel-o. Toda a gente que enchia o immenso Aterro tivera a mesma idéa, e o transito tornava-se difficil á proporção que se ia subindo o Aterro. Parecia um funil que se ia estreitando para o fim. No Caes do Sodré quasi que se não podia andar, e atravessar a rua do Arsenal era emprehendimento quasi heroico. Tentámol-o e sorriu-nos a felicidade.

Depois de muito encontrão chegámos ao pé do largo do Pelourinho.

Ahi o caso era ainda mais serio: o povo fazia uma muralha compacta ao pé da cavallaria municipal que não deixava passar ninguem para o largo.

Graças á amabilidade d'um official da municipal, que nos mandou abrir caminho, entrámos no Arsenal da Marinha.

Os vapores do cortejo estavam já desembarcando os passageiros; d'alli a nada a ponte do Arsenal encheu-se completamente.

Ás 11 horas e meia, pouco mais ou menos, atracou á ponte do Arsenal no escaler do sr. ministro da marinha, um formosissimo escaler todo branco e dourado, com coxins de seda carmezim e equipado por marinhagem elegantemente uniformisada de camisolas azues e cintas escarlates, trazendo a seu bordo os srs. Pinheiro Chagas, Antonio Augusto d'Aguiar, presidente da Sociedade de Geographia, Francisco Costa, director geral do Ministerio da Marinha.

Estes cavalheiros saltaram em terra a receber ordens d'El-rei que desde as 11 horas estava na superintendencia do Arsenal, acompanhado pelos sr. Fontes, Hintze e Bocage, e em seguida embarcaram de novo, para ir a bordo do *Cabo Verde* buscar os dois illustres exploradores.

Ao meio dia uma enorme e prolongada salva de palmas, acclamações enthusiasticas, bravos unisonos echoavam na ponte do Arsenal: — Capello e Ivens acabavam de saltar do escaler.

Os dois famosos exploradores vinham profunmente commovidos, e saudavam com os olhos rasos de lagrimas a multidão que os acclamava.

El-rei D. Luiz fardado d'almirante e acompanhado pelos seus dois filhos, veio esperar á ponte Capello e Ivens, uma honra que modernamente só o rei Oscar da Suecia prestou ao celebre explorador dos mares glaciaes Nordenskiold.

El-rei abraçou os dois heroicos officiaes de marinha e levando-os comsigo para a intendencia do Arsenal, ahi conversou uns dez minutos com elles, dando a Hermenegildo Capello as insignias da gran-cruz da ordem de S. Thiago do merito litterario, scientifico e artistico, e a Roberto Ivens a commenda da Torre Espada, do valor, lealdade e merito.

E ao offerecer a commenda a Ivens S. Magestade disse-lhe que lamentava que as praxes regulamentares lhe não permitissem agracial-o com uma gran-cruz, que militarmente só póde ser concedida a patentes superiores.

S. Magestade saiu em seguida do Arsenal na sua carruagem, acompanhado pelos seus dois filhos; os srs. presidente do conselho, ministro dos Estrangeiros e ministro da Fazenda, retiraram-se nas suas carruagens, e o sr. ministro da Marinha dando o braço a Roberto Ivens, e acompanhado por Hermenegildo Capello e pela direcção da Sociedade de Geographia, seguiu a pé para a Camara Municipal, por entre a multidão enorme que acclamava victoriosamente os dois illustres exploradores.

Foi-nos impossivel entrar na Camara Municipal, não por causa do povo que apezar de muito era cordato, prudente e delicado, e abria logar para passarem os exploradores e todas as pessoas que os acompanhavam, mas por causa da policia municipal.

Quando iamos a atravessar o Pelourinho, vimos de repente o piquete de cavallaria da municipal em correrias desordenadas pela praça cheia de gente, atropellando a torto e a direito, fazendo escoucear os cavallos, e promovendo uma grande balburdia e fuga precipitada de toda a gente. Nós tivemos medo da policia e voltámos para traz, porque n'estas baralhas uma cutilada, uma pranchada ou um couce, apanha-se com uma facilidade extraordinaria. E' verdade que depois o cidadão maltratado pela municipal tem o direito de protestar, póde pedir justiça, póde fazer castigar o soldado que o maltratou, mas tudo isso... depois de maltratado.

Os exemplos chovem para ahi e por isso deixámos a Camara Municipal e fomos placidamente para a Sociedade de Geographia, á porta da qual a policia era feita cordatamente pela policia civil, que mostrou n'estas festas uma grande superioridade sobre a policia municipal, superioridade que foi notada e commentada por quasi todos os jornaes de Lisboa, e que mais uma vez veio eviden-

ciar a necessidade urgente de reunir n'um só grande corpo de policia civil bem disciplinado e bem organisado as diversas especies de policias que por ahi temos e que na sua maioria tanto deixam a desejar.

E por causa das correrias da cavallaria municipal deixámos de ouvir o magnifico improviso de Pinheiro Chagas, que produziu na grande multidão que enchia a grande sala da Camara, profunda sensação e ruidoso enthusiasmo.

Para a sessão da Camara estavam apenas marcados dois discursos, o do sr. presidente da Camara e a resposta do sr. presidente da Sociedade de Geographia

Depois d'estes dois discursos o sr. ministro da Marinha pediu ao presidente a palavra e pronunciou um dos mais brilhantes e enthusiasticos discursos que tem sahido dos seus labios privilegiados de orador notabilissimo, na opinião de muitas pessoas que o ouviram.

O sr. ministro da Marinha começou por explicar o motivo porque erguia alli a sua voz, uma voz vibrante de enthusiasmo que echoava clara e nitida por toda a sala.

Tendo sido o seu primeiro acto ministerial confiar a bandeira portugueza áquelles que tanto a tinham sabido glorificar, disse Pinheiro Chagas, queria agradecer-lhes o terem dado uma gloria a Portugal, e no momento em que eramos accusados de viver só das glorias do passado, terem arrojado ao mundo um desmentido heroico e terem mostrado que a terra portugueza no seculo XIX não servia apenas para acabar de consummir os ossos de Vasco da Gama, mas que tinha ainda a seiva generosa que ia pulsar no coração d'elles.

E n'este tom levantado e eloquente Pinheiro Chagas enthusiasmou o auditorio, que a cada phrase o interrompia com bravos ruidosos, com repetidos vivas a Capello e Ivens e vivas ao ministro da Marinha.

Pinheiro Chagas recordando um dos episodios mais commovedores da travessia de Capello e Ivens, aquelle momento solemne em que exhaustos de forças, esmagados por todas as privações, por todas as fadigas, ao chegar a Tete, desfraldaram a bandeira á frente da sua pequena columna, para entrarem em Tete com a bandeira portugueza triumphante.

«Essa bandeira fôra a idéa da patria que com elles atravessára o deserto, e que elles levavam ao triumpho: e a patria pagou-lhes isso indo tambem ella agora ao seu encontro, representada em todas as suas manifestações mais sublimes, desde o rei, até ao mais obscuro cidadão. Ao seu encontro fôra o paiz que pensa, o paiz que trabalha, o paiz que combate, e a patria, pela voz do representante da sua capital, d'essa cidade que vira partir Vasco da Gama e voltar Christovão Colombo, por todas as vozes emfim, da immensa ovação que se lhes fazia, dizia: — honra os filhos que me honraram, honra Capello e Ivens!»

Roberto Ivens respondeu em breves palavras ao discurso do ministro da marinha, e aos discursos antecedentes.

O illustre explorador fala com grande facilidade e tem um grande dom de sympathia na sua maneira de dizer.

Foi victoriado acaloradamente, e depois o cortejo pôz-se a caminho para a Sociedade de Geographia, indo Capello n'uma carruagem com o ministro da marinha e os srs. Conde de Ficalho, Ferreira de Almeida, e Ivens com o presidente da Sociedade de Geographia e os srs. Luciano Cordeiro e João Ulrich.

A multidão no largo de S. Julião era tão grande, que teve de se alterar um bocado o etinerario, indo o cortejo dar volta á rua do Ouro, subindo depois pela travessa de S. Nicolau, rua Nova do Almada, Chiado, rua Ivens e rua Capello.

Sabem já decerto que a rua Ivens é o novo nome da antiga rua de S. Francisco, como rua Capello, da Travessa da Parreirinha, e a rua Nova dos Martyres, rua Serpa Pinto, e a rua da Figueira, rua Anchieta.

A Camara Municipal, em commemoração dos feitos heroicos d'estes quatro famosos exploradores, deliberou dar os nomes d'elles a essas quatro ruas, e mandou antes da chegada de Capello e Ivens substituir os velhos letreiros pelos nomes novos.

Durante todo o trajecto do cortejo, a immensa multidão que se apinhava nas ruas victoriava triumphalmente os dois illustres exploradores, e de muitas janellas choviam flôres sobre as carruagens em que elles iam.

Quando o cortejo chegou á Sociedade de Geographia, a sala das sessões estava já litteralmente cheia.

A casa da Sociedade de Geographia estava elegantemente adornada. Por fóra, nas varandas, tinha tropheus de grandes bandeiras, com escudos em que se liam as seguintes inscripções:

1640 — Capello e Ivens — 1139

Na varanda do centro um grande tropheu, e um escudo com a legenda:

De
Benguella
a Iacca
1879

Nos vãos das janellas, entre bandeiras nacionaes e extrangeiras, estavam dez escudos com as datas dos mais notaveis descobrimentos portuguezes:

Gonçalves Zarco — Madeira, 1420
Fernando Queiroz — Polynesia, 1606
Jorge de Menezes — Nova Guiné, 1527
Gomes de Sequeira — Carolinas, 1625
Velho Cabral — Açores, 1432
Antonio de Nolle — Cabo Verde, 1432
João de Santareno — S. Thomé, 1470
Diogo Cam — Zaire, Angola, Benguella, 1485-86
Vasco da Gama — Moçambique e India — 1498
Bartholomeu Dias — Boa Esperança, 1487

Á entrada da casa estavam duas grandes estatuas do infante D. Henrique e de Alvares Cabral, e na sala das sessões, havia apenas como unico ornato, as estatuas em gesso, de Fernão Lopes, Pedro Nunes, Corte Real, e Camarão.

Á porta da Sociedade de Geographia, a guarda de honra era feita pelo batalhão das escolas municipaes.

Á hora e meia, depois de um demorado trajecto por entre a multidão que os saudava, os illustres exploradores chegaram á Sociedade de Geographia.

A sua entrada na sala foi accolhida com uma acclamação enthusiastica a que respondeu na rua uma ovação ruidosa e persistente.

Em seguida o sr. Antonio Augusto de Aguiar abriu a sessão, convidando o sr. ministro da marinha a fazer a apresentação dos dois gloriosos exploradores.

O sr. ministro da marinha agradeceu esse convite, e n'um improviso breve e eloquentissimo fez a apologia de Capello e Ivens, sendo a cada momento interrompido pelos bravos da multidão.

No fim do discurso do sr. Pinheiro Chagas houve prolongados vivas a Capello, a Ivens e ao sr. ministro da marinha.

O sr. Antonio Augusto de Aguiar usou da palavra em seguida, e n'uma brilhante oração exaltou os serviços feitos pelos grandes exploradores, e poz em evidencia os serviços prestados á Sociedade de Geographia e á causa colonial pelo sr. Luciano Cordeiro.

O discurso do sr. Antonio Augusto de Aguiar terminou no meio de exclamações ruidosas, de vivas enthusiasticos aos dois benemeritos exploradores, a Pinheiro Chagas, á Sociedade de Geographia, á Imprensa, a Antonio Augusto de Aguiar, a Luciano Cordeiro, ao Commercio, etc.

Levantada a sessão, Capello e Ivens foram abraçados e beijados pelos seus amigos, pelos seus admiradores, no meio de uma grande effusão de ternura. Em todos os olhos havia lagrimas de alegria, de enthusiasmo, e os olhos que mais lagrimas tinham eram os de um sympathico velho que assistira a essa sessão apotheotica preso de profunda commoção, o pae de Roberto Ivens, que juntava á alegria enorme de poder abraçar o seu filho depois de tão demorada ausencia e de tão perigosa viagem, a de o ver acclamado pelo paiz inteiro, n'uma festa sem egual, como um benemerito da nossa patria, como um heroe dos mais gloriosos do nosso seculo.

Depois de terem recebido esta consagração excepcional, como excepcionaes foram os seus assignalados serviços, Capello e Ivens puderam finalmente ir para as suas casas, descançar das suas enormes fadigas, alliviar as suas profundas saudades, nos braços amigos das suas extremosas familias.

Á noite, as ruas de Lisboa conservaram o mesmo ar extraordinariamente festivo que tiveram n'esse dia de apotheose nacional, unico no nosso tempo.

Entre as illuminações havia algumas deveras brilhantes, sendo a mais significativa a das repartições publicas, que só illuminam em dias de gala nacional.

O Terreiro do Paço apresentava um bello effeito com a illuminação explendida da sua elegante memoria, e com os grandes fachos de bicos de gaz que tinham substituido em todos os candeeiros da praça a luz mortiça de todas as noites.

A illuminação da Sociedade de Geographia era tambem brilhante, e brilhante e original a do *Commercio de Portugal*, na rua Ivens

Os nomes de Capello e Ivens, dezenhados a lumes de gaz, destacavam-se sobre um mappa enorme de Africa com a travessia feita pelos dois illustres exploradores.

Dos lados d'esses mappas, e sob as armas de Angola e de Mossamedes, havia as seguintes inscripções:

De Mossamedes a Quilimane
4:500 kilometros atravez da Africa por C. e I.
1 de janeiro de 1884

A Brito Capello e Roberto Ivens
Homenagem do «Commercio de Portugal»
16 de setembro de 1885

A illuminação da Real Associação dos Amadores de Musica e da redacção do *Correio da Noite*, ambos no mesmo predio na rua do Alecrim, eram de bello effeito.

A companhia de electricidade, na rua Serpa Pinto, illuminou a luz electrica.

Eram mais dignas de menção as illuminações do *Diario de Noticias, Novidades, Hotel Universal, Restaurant Club, Companhia do gaz, Companhia dos americanos, Caminhos de ferro de norte e leste, Camara municipal*, etc.

No dia immediato ao da chegada de Capello e Ivens realisou-se na Sé, por iniciativa do sr. cardeal-patriarcha, um solemne *Te-Deum*, a que assistiram os dois exploradores, o ministerio, a Sociedade de Geographia, etc.

No outro dia houve na Avenida da Liberdade uma parada dos batalhões das escolas municipaes, offerecida pela camara de Lisboa aos illustres exploradores.

Foi uma festa brilhante, que attrahiu uma immensidade de gente á Avenida.

Capello e Ivens em todas estas festas teem sido extraordinariamente victoriados pelo povo.

E as festas continuam ainda, e o enthusiasmo publico ainda não arrefeceu, nem arrefecerá tão cedo, porque as festas d'esses dois grandes portuguezes são d'aquellas que um povo nunca pode esquecer.

Temo-nos alongado demasiadamente n'esta nossa chronica, que mais que uma chronica é a resenha rapida das festas feitas a Capello e Ivens.

As gravuras do nosso numero de hoje são todas dedicadas a essas festas A todas ellas nos referimos n'esta nossa chronica, o que nos dispensa de lhes dedicarmos artigo especial.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

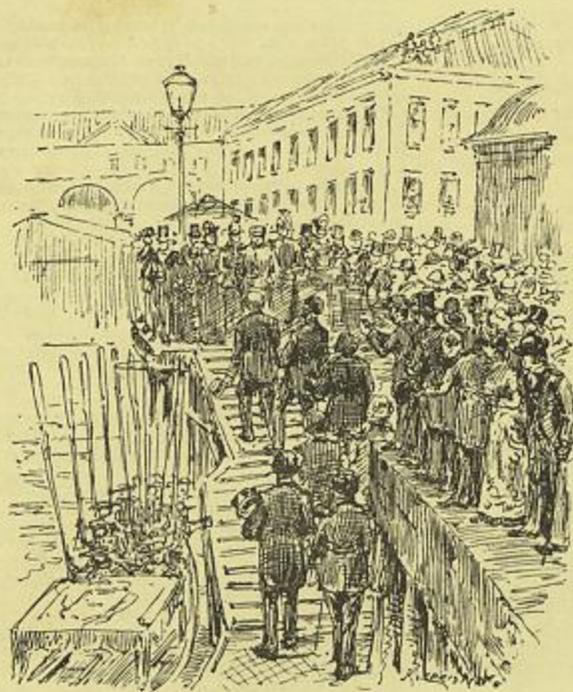
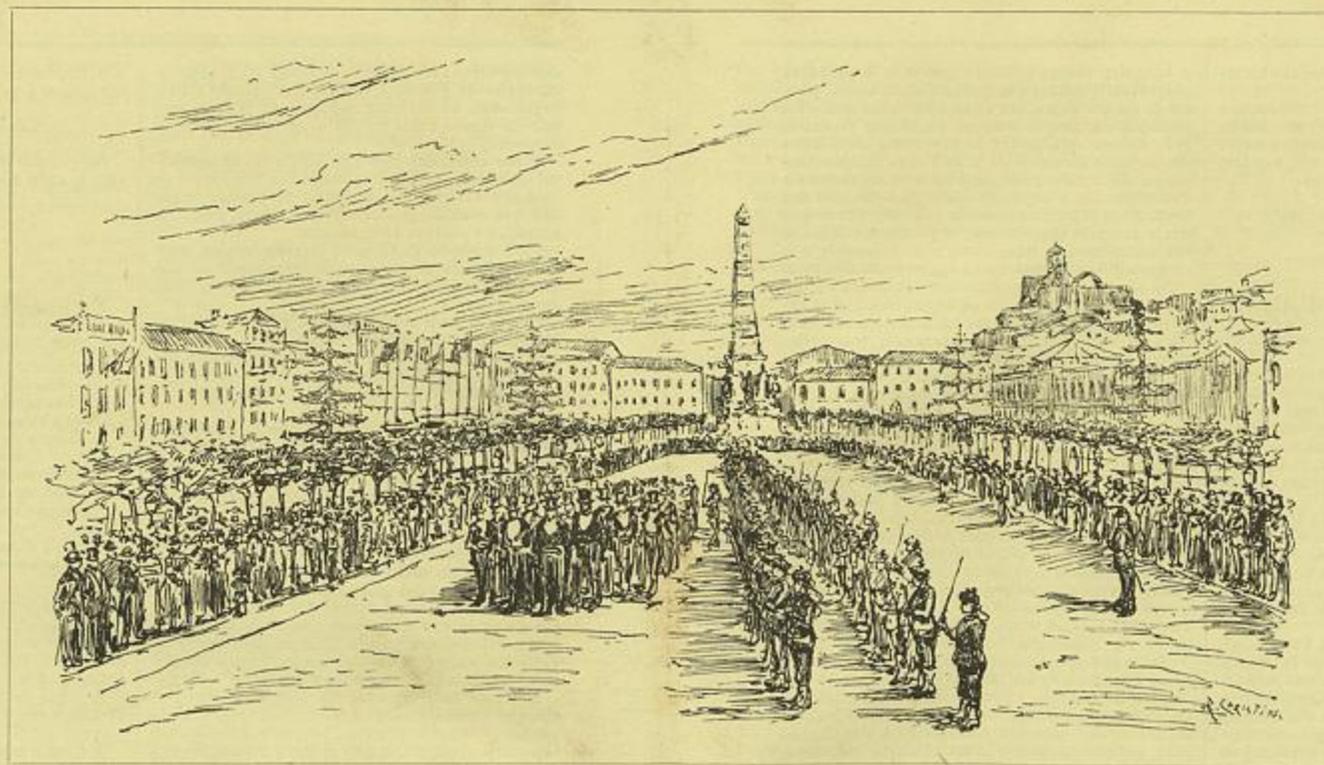
RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS

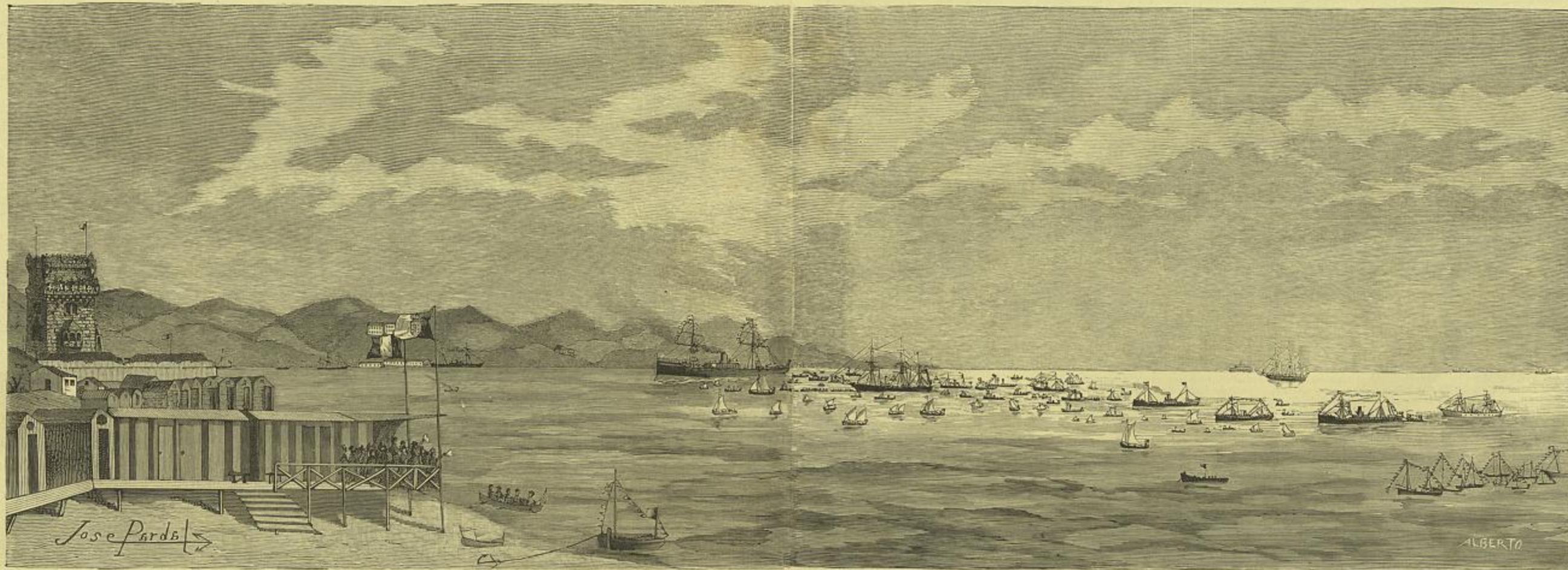
As gravuras que sob este titulo publicamos illustram a chronica do nosso numero de hoje, em que se descreve as festas com que Lisboa recebeu os benemeritos exploradores que tanto honram a patria de Camões

Para a chronica, pois, enviamos o leitor.

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Continuado do n.º 241)

Annunciára-se para 1883 uma grande exposição colonial e de exportação em Amsterdam. A questão do Zaire approximava-se rapidamente do seu momento critico, a campanha de intrigas e de calumnias organisada pela empreza aventureira do Congo contra a capacidade e progressos coloniaes de Portugal, começára a desmascarar as suas baterias, fortemente providas pelos milhões do rei dos belgas e tambem não pouco pelo nosso incorrigivel desmazelo; a Hollanda era uma velha nação colonial, professando metade por tradicção, metade por vicio, um detestavel systema ultramarino, mas sem nenhuns antagonismos presentes comnosco, antes, em mais de um ponto intimamente ligada aos nossos interesses africanos; e em summa, alguma cousa conseguira avançar na

Recepção de Capello e Ivens, por S. M. El-rei D. Luiz e SS. AA. o Principe D. Carlos e Infante D. Affonso, na ponte do Arsenal da Marinha (Desenho do natural por J. Christino)

RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS — A parada do batalhão escolar, na Avenida da Liberdade, em 18 do corrente (Desenho do natural por J. Christino)

Capello e Ivens victoriados na Rua Garrett, quando se dirigiam para a Sociedade de Geographia (Desenho do natural por J. Christino)

RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS — A manhã do dia 16 do corrente, no Tejo. Cortejo fluvial seguindo o paquete Cabo Verde, ao partir de Paço d'Arcos (Desenho do natural pelo artista amador sr. José Pardal)

opinião e no governo, o movimento *africanista* iniciado em 1876 entre nós.

Tudo parecia conspirar para que fosse azado o ensejo de fazermos uma demonstração séria e pratica dos nossos recursos e da nossa boa vontade de potencia colonial e colonisadora.

Como ninguem se movia, a Sociedade de Geographia de Lisboa, vendo correr o tempo e perder-se o ensejo, moveu-se em 27 de setembro de 1882, com um officio dirigido ao ministro do ultramar, e assignado pelo sr. dr. Barbosa du Bocage, então presidente.

Perguntava-lhe pela forma mais delicada que era possivel, se concorreriamos a Amsterdam; pedia esclarecimentos, insinuava o seu desejo de cooperar de alguma fórma para o melhor exito da representação do paiz, e, em summa, como quem previa a resposta, desejava saber se poderia contar com algum auxilio para que ella podesse por si, que mais não fosse, ir ao seio do grande certamen, lembrar que tambem tinhamos colonias e que tambem poderiamos exportar qualquer cousa... além do desconceito proprio.

Como não recebesse resposta, voltou á carga em 17 de outubro.

Um mez depois era-lhe communicado pela Direcção do Ultramar que em conselho de ministros fôra resolvido não concorrer officialmente o paiz áquella exposição porque as circumstancias do thesouro não permittiam cavallarias altas.

Não descoroçoou a Sociedade, — ella que parece ter feito voto de paciencia visto que não descoroçoou ainda, com uma dezena de annos e algumas bellas centenas de desillusões e de injustiças em cima.

Em nova representação de 19 de novembro, — cinco dias depois da desolada resposta, — tomou a liberdade de observar ao governo, que sim, senhor, que não deixava de reconhecer, como elle reconhecia, que as peculiares condições em que nos achavamos em relação ao assumpto, os nossos interesses e tradições coloniaes e diversas circumstancias de momento, obrigariam o paiz, — para que podesse fazer-se representar condignamente *como mais do que nunca importaria á sua honra e ao seu nome*, — a um consideravel dispendio, que nenhuma dedicação por mais acrisolada poderia attenuar ou supprir.

Mas previra-se isto. E prevendo-se, e reconhecendo-se, e concordando-se, pensára-se então n'uma maneira indirecta e pratica de illudir as difficuldades da concorrencia do paiz ou os perigos d'essa concorrencia não ser precisamente a que devera ser.

Vem muito a proposito dizer isto, porque este mesmo pensamento presidiu á exposição da Sociedade de Geographia em Antuerpia, dois annos depois, ou mais propriamente porque d'aquelle pensamento se derivou esta ultima exposição. Ultima... e primeira, que a outra teve de ficar apenas em diversos officios muito patrioticos e amaveis.

Pensára-se pois, em que seria possivel e util que a Sociedade de Geographia organisasse uma exposição propria, concorrendo, não só com trabalhos e objectos seus e dos seus socios mas tambem com aquelles que quaesquer productores ou commerciantes quizessem confiar-lhe.

— «É claro que esta idéa — dizia-se — sómente poderia realisar-se quando o governo por um lado e o commercio, por outro, acceitando-a, conferissem á Sociedade os indispensaveis auxilios e subsidios pela fórma por que se considerasse mais conveniente, mas é tambem evidente que a despeza com que o Estado tivesse de contribuir, seria em tal caso, consideravelmente restricta, sendo certo que sempre o nome, as aptidões e o esforço do paiz se fariam lembrar no grande certamen, sem as exigencias fataes de uma representação directa e official.»

E logo no dia seguinte, em 20 de novembro, transmittia a Sociedade, a mesma idéa ás associações commerciaes de Lisboa, do Porto e da Figueira da Foz, ao governador do Banco Ultramarino e aos directores das companhias de navegação para a Africa.

D'estas ultimas, que eram pelo menos duas, uma das quaes, a da Africa Oriental grossamente subsidiada, respondeu apenas, — e foi quem respondeu primeiro, — a da costa occidental pelo seu brioso e sympathico gerente o sr. Ernesto George.

Não é a primeira vez que este cavalheiro parece mais portuguez do que... o paiz.

O sr. Ernesto George respondeu singellamente em 21 de novembro que a empreza de navegação por elle representada transportaria gratuitamente quaesquer objectos destinados á Exposição da Sociedade, tanto dos portos de Africa para Lisboa como d'este para o de Hull, d'onde aquelles objectos facil e economicamente poderiam ser remetidos para Amsterdam.

E posto que a exposição se não realisasse, o sr. Ernesto George manteve o seu valiosissimo offerecimento, fazendo transportar durante mezes muitos volumes que se destinavam a ella, á ordem e recepção da Sociedade de Geographia.

(Continua) *Luciano Cordeiro.*

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Foram grandes, homericas, as luctas sustentadas para se firmar na peninsula Iberica esta autonomia portugueza, implantada ha oito seculos pela espada vencedora de D. Affonso Henriques, e n'essas luctas sangrentas tomou uma boa parte contra nós a nossa irmã Castella, que, como Portugal, firmava a sua autonomia varrendo da peninsula o dominio sarraceno.

Coube ao valoroso mestre de Aviz, acclamado rei D. João I pelo povo, como salvador da patria desmantellada pelo desastrado reinado de D. Fernando I, a grande gloria de dar, para assim dizer, o golpe de mestre nas continuadas guerras com que Castella nos disputava a posse das nossas conquistas.

Ao fraco e indecoroso reinado de D. Fernando I, succedia o forte e glorioso reinado de D. João I. Acabava uma dynastia de heroes por um poltrão. Principiava um novo reinado que devia legar a Portugal uma dynastia afortunada e tão conscia da boa estrella que a acompanhava, que essa mesma confiança a fez afundar-se com a patria, na mais temeraria empreza, pensada no cerebro de um joven rei, tão inexperiente quanto ousado.

A D. João I coube o regenerar a patria da desorganisação em que a pozera D. Fernando, e desaffrontal-a das vergonhas porque a fizera passar a possilanimidade d'este monarcha sujeito aos caprichos de uma rainha que elle fôra buscar ao adulterio e que deixou de si bem triste memoria.

Haviam dois annos que D. Fernando tinha deixado de existir e com elle a dynastia affonsina, quando D. João I aguerria as suas hostes contra o leão de Castella que mais uma vez entrava em guerra com os portuguezes.

Aprestavam-se de uma parte e outra os dois exercitos que se iam medir nos campos de Aljubarrota, e era esperado, com impaciencia, o dia 14 de agosto de 1385 em que devia ter logar a tremenda lucta.

Ouçamos o que a este respeito nos diz o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, quando nos descreve com as côres brilhantes do seu brilhante estylo esta epopeia portugueza.

«Raiou finalmente o glorioso dia 14 d'agosto de 1385. O sol, assomando no oriente, illuminou em cheio as duas hostes dispostas na fórma que dissemos.

D'um lado, o numeroso exercito castelhano, onde doidejavam á brisa os innumeros pendões de tantos fidalgos que alli se agrupavam emtorno da signa real de Castella; as armas resplandecentes d'essa opulenta nobreza, bem polidas e bem lustrosas, repercutiam os raios do sol que transformava essa floresta de lanças n'uma pinha de fogo. Do outro lado, a pequena hoste portugueza, em que tambem tremulavam diversos pendões, mas onde os poucos, e não muito ricos fidalgos que seguiam a fortuna do novo soberano, que feriam os olhos pelo esplendor das suas armaduras. Mas em compensação havia no exercito castelhano a presumpção que, sendo o excesso da confiança, produz os mesmos desastrosos effeitos que a tibiesa; no exercito portuguez havia o heroismo desesperado d'homens que se vêem obrigados a vencer ou a morrer. Além, a idéa que agrupava tantos soldados era uma idéa d'ambição pessoal; aqui, era uma idéa patriotica, era a idéa da defeza do torrão natal, dos lares, da nacionalidade, da honra portugueza.

Na vanguarda, o condestavel, armado simplesmente para se não distinguir do inimigo, percorria as fileiras, dando as suas ultimas ordens e recommendando que avançassem em ordem lentamente, e que recebessem a carga dos Castelhanos, com os pés bem pregados no solo; os contos das lanças apertados debaixo dos braços e o mais prolongadas que podessem. Deviam combater a pé como em Atoleiros.

Por toda a parte por onde o condestavel passava não se ouviam senão acclamações, gritos de enthusiasmo, presagios seguros da victoria.

Na ala direita, a *ala dos namorados*, tremulava a bandeira verde, symbolo das suas esperanças amorosas. Todos esses juvenis cavalleiros, pensando na sua dama, em Deus e na patria que o rei symbolisava, preparavam-se a praticar façanhas pelo menos similhantes ás dos votos denodados de Gonçalo Castel-Vide e de Vasco Martins. Ouvia-se alli o rumor alegre d'essas vozes frescas e enthusiasticas, o estrondo dos risos, o tiroteio dos bons ditos (1). Sympathica e valorosa hoste que devia cumprir dignamente as promessas feitas, e em compensação ficar quasi toda estendida nos campos d'Aljubarrota, que a sua bravura illustrou.

Na ala esquerda o espectaculo era diverso. Com o seu fleugma britannico os bésteiros inglezes revistavam os arcos, preparavam-se para o combate com as boas refeições, e esperavam tranquillamente o signal de combate. Não havia alli a petulancia meridional, o enthusiasmo patriotico, mas havia o altivo socego d'esses veteranos, muitos dos quaes tinham combatido debaixo das ordens do principe Negro, e que estavam costumados a não verem nunca a victoria desamparar-lhes a bandeira.

Na rectaguarda el-rei, armado tambem sem distincção dos seus outros cavalleiros, percorria as fileiras animando com palavras benevolas os soldados, e fazendo cavalleiros todos os que se lhe apresentavam. Ao seu lado cavalgava o seu alferes-mór, tremulando a régia bandeira, o marechal da hoste, e varios cavalleiros estrangeiros entre os quaes se distinguia o gascão João de Montferrat. Por onde passava a modesta comitiva erguiam-se gritos d'enthusiasmo, acclamações que enchiam d'ufania o brioso monarcha. Respirando com delicias essa viração ardente da batalha, com o punho na espada que manejava tão vigorosamente como o sceptro, o aventuroso soldado d'Aviz communicava aos outros a confiança e o denodo, só pelo espirito sereno e denodado que mostrava. «Tenho assistido a sete batalhas campaes, dizia-lhe João de Montferrat, e nunca vi soldados com mais alegre aspecto, com mais resoluta physionomia. Apesar da desproporção immensa do numero, prophetiso-vos, senhor, a victoria. — Dar-vos-hei alviçaras pelo vosso bom agoiro, respondia sorrindo D. João I. E os vivas atroavam os ares, e o arcebispo de Braga, D. Lourenço, o prelado militante, erguendo uma cruz de prata, animava os soldados a pelejarem pela patria contra os invasores, pela fé contra os hereges, pelo rei do povo leal contra o rei da nobreza traidora. E todos esperavam anciosos o signal da batalha, e nem um só sentia desmaiar-lhe o animo intrepido ao vêr diante de si tão confusa massa d'inimigos.

No exercito castelhano era muito differente o aspecto das tropas: confiança havia e até demasiada; mas faltava a animação do soberano e a unidade do commando. O rei doente, e montado n'uma mula, não estava á testa das tropas, e os fidalgos e cavalleiros tumultuavam sem darem ordens, sem cuidarem da disposição das forças. O que pensavam era já em dividir o espolio do inimigo, que tinham irrefragavelmente por vencido, como os caçadores de Lafontaine vendiam a pelle do urso que estava muito longe de ser morto. Alguns bispos distribuiam indulgencia do papa d'Avignon, mas tudo sem enthusiasmo. Os ginetes castelhanos volteiavam emtorno das bagagens portuguezas, espreitando o momento de as saltearem. Mas a vigilancia era perfeita, e o que elles fizeram foi darem mais solidez ao novo exercito, porque, tendo faltado o animo a uns trinta peões portuguezes, fugiram e foram cahir no meio dos ginetes castelhanos, que os mataram desde o primeiro até o ultimo. Esta especie de castigo providencial, tirando aos nossos a esperança de procurarem a salvação na fuga, fazia com que muitos dissessem: «morrer por morrer, mais vale morrermos como homens, pelejando e cahindo de rosto para o inimigo».

Já ia o dia em mais de meio quando o exercito castelhano se pôz em marcha, e, como diz Camões no seu verso tão sonoro:

> Deu signal a trombeta castelhana
> Horrendo, féro, ingente e temeroso
> ....
> E as mães que o som terribil escutaram
> Aos peitos os filhinhos apertaram.

Logo a vanguarda portugueza, á voz de Nuno Alvares Pereira, se abalou tambem, e foi a passo e ordenadamente ao encontro do inimigo. Os tiros

(1) O arcebispo de Braga, D. Lourenço, fazendo antes da batalha as suas exhortações religiosas, aconselhava que fossem ao combate, repetindo as palavras latinas: *Et verbum caro factum est*. Perguntavam alguns o que aquillo significava, e respondiam outros: *Que verdade, verdade, é muito caro este feito, mas, se Deus quizer, ha-de sair de bom mercado*. Imagine-se as gargalhadas que acolheriam a traducção liberrima, e veja-se por isto de que espirito estavam animadas as phalanges portuguezas.

das bombardas causaram um certo espanto e hesitação na linha portugueza; o primeiro projectil disparado matou d'uma vez dois escudeiros. Houve agitação, e a fortuna das armas hesitou um instante, prompta a desamparar os Portuguezes. Mas uma voz se ergueu dizendo: É castigo de Deus; esses dois escudeiros mataram ha dias um clerigo n'uma egreja. Deus protege-nos porque nos livra dos máos.» Foi bastante para que a serenidade voltasse e com a serenidade o enthusiasmo.

(Continúa) *A.*

Soror Anna Maria do Amor Divino

1774—1803

(Continuado do n.º 242)

Como perguntar não offende, perguntarei a mim mesmo, para que não aconteça responderem-me torto se a outrem fizer a interrogação: o que teriam de commum as duas mortes de que foi causa a *cabecinha de vento*, de que mais atraz se falou, com o homicidio attribuido ao irrequieto e galhardo capitão de infanteria Antonio da Fonseca Soares, mais tarde transformado em Frei Antonio das Chagas, sisudo missionario apostolico, e contricto instituidor do Seminario do Varatojo?

Parece-me estar já d'aqui ouvindo os criticos accusarem-me de não haver lido a vida do auctor das *Cartas Espirituaes*, e de outros livros de boa licção, escriptos pelo padre Manuel Godinho, panegyrista do grande peccador, que de cincoenta e um annos de edade, e dezenove de religião, veio a morrer em cheiro de santidade, no dia 20 de outubro de 1682.

Li, sim senhores. Li o livro do padre Manuel Godinho, e foi por isso mesmo que fiquei sem nada saber da vida airada do galanteador, que empregou os melhores trinta e dois annos da sua vida a amar as mulheres, antes de se resolver a amar a Deus, professando a regra de S. Francisco no convento de Evora, com pasmo de quantos o haviam conhecido mergulhado nas intemperanças do coração, e nos fumos bellicosos da caserna.

Ao silencio quasi completo do padre Manuel Godinho ácerca das verduras de mocidade do capitão Antonio Soares, vou eu contrapôr as meias revelações que a seu respeito fez a madre Anna Maria do Amor Divino, alterando, para me defender, a ordem natural da minha escripta.

Depois de narrar varios episodios da vida conventual, para demonstração do relaxamento a que esta chegára, entre elles a nossa chronista accentúa a historia critico-burlesca de um frade, pseudo reformador, que em 1630 fôra mandado ao convento para, como hoje se diria, syndicar do que por lá se passava, e que em vez de curar de coisas serias, desatou a jogar a laranjada com uma freira, seguindo-se a esta irreverencia, *falas alegres, e risadas de parte a parte, com grave escandalo da madre dispenseira, que então era soror Clara Gertrudes do Sacramento, que esquecida de si, e arregaçada como vinha, correu atraz d'elle pela quadra, bramindo como um leão!*

Assim corriam, e assim continuaram a correr as coisas do convento, ainda por muitos annos, quando no de 1789 o veneravel padre Antonio das Chagas foi chamado para confessar uma freira enferma, na occasião em que andava prégando da missão em Setubal. Nada mais natural de que uma enferma querer fazer as pazes com Deus por intermedio de tão illustrado e santo varão, mas tambem nada menos para esperar — especialmente em tão solemne occasião — é o facto que soror Anna Maria conta passado com o venerando missionario, que já então contava os seus quarenta e sete annos de edade, e quinze de vida exemplarissima, quebrada pelos jejuns, pelos cilicios, e pelas cogitações que elle sabia transformar em formosissimos livros de santa doutrina.

O caso deu-se d'esta maneira. Quando o macerado frei Antonio das Chagas ia em demanda da sua penitente, acompanhado pela abbadeça, seguia-lhe na pista pelos claustros fóra uma freira, ainda moça, cantando-lhe com toda a desenvoltura:

> Tomei um caldinho
> Por certo bem feito,
> Delicado ao gosto
> De sustancia ao peito.

Deixarei ainda falar a chronista, e dizer-nos como o reflexivo e prudentissimo missionario apostolico corregiu a gaiatice da sua jovial perseguidora:

O veneravel Frei Antonio das Chagas — conta a madre Anna Maria — *conhecendo n'estes versinhos a musa travêssa que em outro tempo lh'os dictára, parou cheio de pejo e ira santa, dizendo:* «Oh! madre, não repita isso, que foi feito por um doido.»

Este dizer de Frei Antonio das Chagas alcunhando-se de doido, e denunciando-se por conhecido da musa travêssa que lhe inspirára os versos com que na occasião o apodavam, tem-me dado que scismar!

Quem me diz a mim, quem nos diz a nós, que a freira que assim matraqueava um homem da compostura de Frei Antonio das Chagas, não fosse a mesma *faladora* e *meted.ça* que provocou o conflicto que cobriu de luto as paredes do convento de Setubal, aonde então estava de quartel o capitão Antonio da Fonseca Soares?

Quem me afiança a mim, que a voz da freira não fal.sse n'aquelle momento ao ouvido de Frei Antonio das Chagas com a voz do remorso, recordando-lhe o homicidio de que a tradicção o accusa?

Seja como fôr, a nossa narradora, que gosta de moralisar, depois de nos pintar o missionario afogueado de pejo pela cantiga que a freira lhe disparára á queima-roupa, accrescenta:

Ora esta descôcada havia de ser uma das discretas do convento, e havia de ir alli a abbadeça, e attreveu-se a dizer tanto na presença de um varão de tal respeito e auctoridade. Que seria na presença de quem infundisse menos veneração!.

A duas causas principaes attribue soror Anna Maria do Amor Divino, a quebra da regra conventual, e a anarchia a que tinha chegado a piedosa instituição de Santa Clara: uma á pouca provada vocação das noviças para o estado que escolhiam, ou a que as mais das vezes as forçavam; outra á falta do pagamento das *ordinarias*, que quebrava os elos da vida em commum, e portanto desnodava os laços que deviam prender muitas, em uma só vontade.

Pelo que respeita á falta de vocação para a vida monastica, diz a chronista: *que andava nas tradicções da casa terem entrado para a clausura algumas noviças, mais para flagellos da ira de Deus sobre aquelle convento, do que para seu esteio*, e exemplifica a sua affirmativa contando os casos de duas noviças que interrogadas ácerca dos motivos que do seculo as haviam affastado, trazendo-as voluntariamente para o remanso da vida contemplativa, respondera a primeira: *que o não ter encontrado um homem capaz que a quizesse*; e a outra, *que não gostava d'aquelle estado, mas que sua irmã* (que era freira, e estava presente) *lhe dissera que no convento havia muita mais liberdade do que fóra d'elle!*»

A vista d'estas singellas declarações, não admira que o démo andasse azafamado em espreitar pelas fechaduras das cellas do convento de Setubal, aguardando como bom caçador a occasião de empolgar pombas, umas com o visco da sensualidade, outras com as miragens seductoras da independencia, tão contrarias á austeridade da regra que seguiam, e ás apertadas leis do primitivo instituto.

Mas, não foi só a falta de vocação para a vida do isolamento, e da abdicação das vontades individuaes, que contribuiu para tantos e tamanhos escandalos. Diz o proverbio, *que casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão*. O convento de Setubal andava individado pela falta de pagamento das *ordinarias*, mas apenas socegadas as coisas da Europa, e do reino, as freiras cobraram só por uma vez onze contos de réis dos seus creditos atrazados, pagando aos credores, *e sobrando ainda muito dinheiro, que, em vez de ser gerido em commum*, foi distribuido pelas freiras *em quotas individuaes, sem que a abbadeça lograsse poder contrariar influencias externas, tão contrarias á indole da vida conventual.*

D'ahi a maxima quebra da disciplina; as despezas inuteis e excessivas; os brocateis levando de vencida a estamenha; o refeitorio decorando-se com sanefas e cortinados de Damasco; os corpos deleitando-se com as finas bretanhas; as cellas trescalando a perfumes e pivetes!

A estes rebates de grandeza, seguiram-se os reinados de D. Affonso VI e de D. Pedro II, e com elles novas privações e miserias conventuaes. As cigarras tinham levado a cantar todo o estio, acharam-se de novo desprovidas á entrada do inverno. Só de assucar, diz a chronista, tinham as freiras gasto mil arrateis em um anno, sem contar com o empregado na confecção de variadissimas guloseimas, com que ellas regalavam os seus platonicos admiradores, quando elles eram de feição e darem-se por satisfeitos com as trôxas d'ovos.

Por estes processos as finanças de convento deram outra vez em vasa-barris, e quando o Salomão portuguez, vulgo D. João V, lhes veio accudir com mais oito contos de réis, era já tarde. A lepra tinha lavrado fundo no espirito das filhas de Santa Clara, e estou em dizer que assim continuou até á extincção das ordens religiosas.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

Questão das ilhas Carolinas. Não está perfeitamente clara a solução d'esta pendencia que ameaça um rompimento entre a Allemanha e a Hespanha. Os hespanhoes estão excitados e não só na capital, mas em outras partes tem sido feitos insultos ás armas e bandeira allemãs. O ministerio, no uso perfeito do seu dever, tem reprimido, quanto possivel, essas manifestações e pelos seus delegados tem procurado moderar os animos, já da milicia, percorrendo os generaes os quarteis e dirigindo ordens do dia e falas aos soldados, já das povoações por meio de outras resoluções. As notas trocadas, ou expedidas de governo a governo, parecem ter um caracter conciliador e as de Allemanha, demonstram querer collocar-se a questão em o campo do direito, mas naturalmente do direito novo estabelecido pela conferencia de Berlim, e deixam entrever a possibilidade de uma conferencia, ao que os hespanhoes parece não estarem dispostos a annuir, por que receiam que lhes succeda o mesmo que a nós, com a questão do Congo. Alguma culpa teem n'isso, por não terem apoiado na conferencia de Berlim, franca e energicamente o povo seu irmão, nem impugnarem o novo direito, que estultamente se quiz estabelecer. Na realidade não o fizeram, e a verdade é que se nós não ficamos bem, o resultado para os hespanhoes pode ser muito peior. O que se deduz pois de tudo isto é que algumas nações entraram n'aquella conferencia e sairam d'ella sem idéas perfeitamente nitidas sobre o que se pretendia fazer e se concluiu, e teria bastado uma intelligencia previa entre as duas nações peninsulares, e a sua recusa de acceitarem certos pontos, para que elles não tivessem sido adoptados, e os seus effeitos fossem outros.

Exposição de Antuerpia. Veio já a publico a lista dos premios conferidos aos expositores portuguezes. Não se pode negar que apezar do pouco numero d'estes, os premios são relativamente numerosos. D'aqui deve tirar-se o incitamento para não se deixar de apparecer em concerto ou certamen algum europeu; não só devemos ter em vista o nosso rifão, *quem não apparece esquece*, mas principalmente, que precisamos confundir os nossos adversarios, mostrando que nós civilisamos os povos que encontramos selvagens, em quanto os outros anniquilam-os, para se substituirem a elles.

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Realisou no dia 20 do corrente a sua sessão solemne annual, sob a presidencia de S. A. R. o Principe D. Carlos. Foram por essa occasião inaugurados os retratos dos socios fallecidos, general Feijó, Francisco José de Almeida, e Lucas José dos Santos, sendo lidos os seus elogios historicos pelos srs. general Azevedo, Visconde de Alemquer e Brito Aranha. Finda esta ceremonia, seguiu-se a distribuição dos premios e diplomas conferidos aos socios, que no concurso de historia, architectura e archeologia, apresentaram memorias que a Associação julgou dignas d'esses premios. Os socios premiados foram os srs. José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, Antonio Francisco Barata e Manuel Maria Rodrigues, redactor do *Commercio do Porto*, e correspondente litterario do *Occidente*, que veio a Lisboa para esse fim.

PUBLICAÇÕES

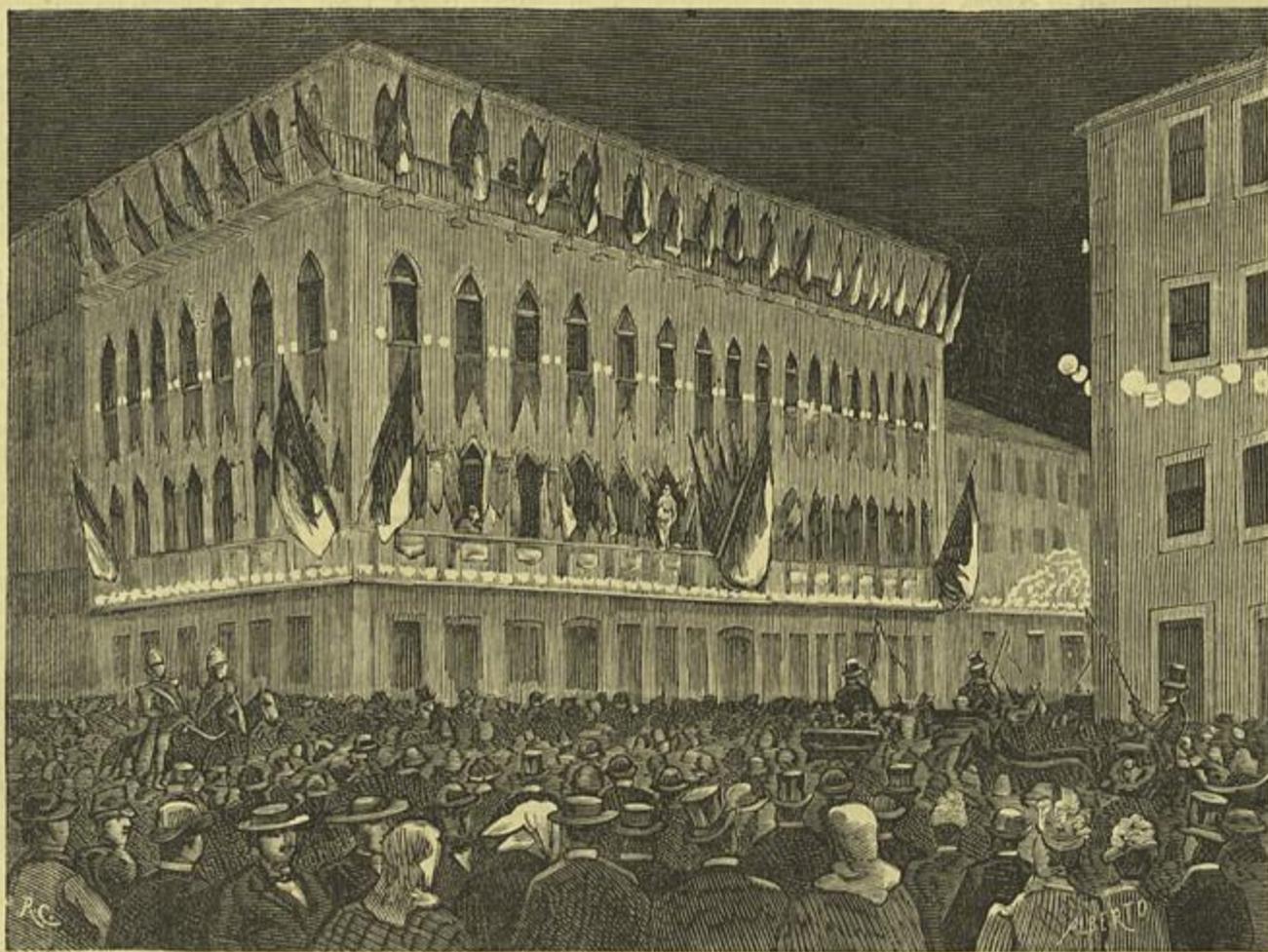
Recebemos e agradecemos:

Technologia Rural *ou artes chimicas, agricolo-florestaes — primeira parte, productos fermentados* por J. I. Ferreira Lapa, terceira edição correcta e muito augmentada, Lisboa typographia da Academia Real das Sciencias, 1885. Já vem de longa data a reputação d'este livro para que seja preciso aqui encarecer a sua importancia e utilidade para a industria agricola. A *Techonologia Rural* é ainda hoje o primeiro livro sobre agricultura

RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS — Illuminações na Praça do Commercio, em Lisboa
(Desenho do natural por J. Christino)

que se tem escripto no paiz. O volume que vem de publicar-se e que constitue a primeira parte da obra, occupa-se das bebidas fermentadas, tratando em primeiro logar e com larga proficiencia do vinho, principal producto da agricultura portugueza, e depois da cerveja, vinagre e alcool e sua extracção das differentes substancias que o produzem. Nas cerca de 750 paginas que formam este livro acham-se descriptos todos os processos conhecidos da industria vinicula, auxiliados com a demonstração de apparelhos e machinas representadas em 176 gravuras. Os serviços que a *Technologia Rural*, do sr. Ferreira Lapa tem prestado ás industrias agricolas de Portugal, desde o apparecimento da primeira edição, ha cerca de 20 annos, são tão conhecidos que isso nos dispensa de aqui a recommendarmos aos interessados que terão o cuidado de a procurar em seu proprio interesse.

Bibliotheca do povo e das escolas... *David Corazzi, editor. Administração: 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa, Filial no Brazil: 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Fasciculo n.º 113 — Architectura, illustrada com 65 figuras*, por F. A. Celestino Soares, major reformado. A utilidade d'este livrinho não póde ser maior, especialmente em um paiz, onde a profusão de edificios rachiticos, de construcção moderna, contrasta singularmente com a pujança e elegancia dos de construcção antiga. Hoje em dia vão apparecendo construcções de melhor caracter.

A questão colonial, *por Hugo de Lacerda, typ. do Diario Illustrado, 1885*, folheto de 40 paginas. O auctor, que tem vivido e servido annos no Ultramar, apresenta idéas muito sensatas quanto á organisação colonial. E se não concordamos com algumas das suas indicações, taes como a dos dois impossiveis grandes Governos Geraes, não podemos deixar de julgar muito opportunas todas ellas, porque da apresentação de muitas opiniões se póde tirar uma média util, rasoavel e pratica. Deus queira que a sua, como muitas outras, não seja *vox clamantis in deserto*.

RECEPÇÃO DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS — Illuminação da casa da Sociedade de Geographia de Lisboa
(Desenho do natural por J. Christino)

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.